



Formação nível 1

Caminhar é resistir...



Coordenação

Alexandre Araújo Cambuim/ MNCR

Roberto Laureano da Rocha / MNCR

Antonio Bunchaft / Pangea

Edição de Texto

Tatiana de Oliveira

Revião

Janaína Belhing

Davi Amorim/ Setor de Comunicação MNCR

Ilustrações

Rafael Escurus

Projeto Gráfico e Edição de Arte

Davi Amorim / Setor de Comunicação MNCR

Foto da capa

Alderon Costa/ Rede Rua

MNCR

Sede nacional: rua Vergueiro, 2.551 Vila Mariana

São Paulo - SP Brasil CEP 04101-200

Tel. (55 11) 3399-3475

E-mail: secretarianacional@mncr.org.br

Site: www.mncr.org.br

Tiragem : 5 mil exemplares

1º edição
Outubro de 2009



Formação nível 1

Caminhar é resistir...

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e tua pele morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

Sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade pequena.

Ferreira Gullar

SUMÁRIO



Apresentação	pág 06
A história de um povo é o próprio povo quem a faz	pág 08
MNCR: história feita por muitas mãos e mentes que sonham	pág 10
Declaração de princípios e objetivos do MNCR	pág 17
Bases de acordo do MNCR	pág 26
Como nos organizar?	pág 31
- A base orgânica	pág 32
- o Comitê Regional de Catadores	pág 33
- A Coordenação Estadual de Catadores	pág 34
- A Comissão Nacional do MNCR	pág 35
Organograma do MNCR	pág 36
As sete tarefas do Comitê Regional	pág 38
Como se faz uma reunião básica	pág 45
Concluindo.... Fazer avançar a luta!	pág 48
Mártires da luta popular	pág 50

Apresentação

Aqui estamos companheiros e companheiras em mais um etapa de nossa luta, uma luta que não nasceu apenas com a fundação de nosso movimento, ela vem desde nossos antepassados e se mistura com a história de formação de nosso país.

Da mesma forma que no passado, são os trabalhadores pobres e humildes os sujeitos fundamentais para o desenvolvimento de nossa história. É na dificuldade do dia-a-dia, no trabalho nas ruas, nos lixões, nas favelas, vilas, nos bairros populares, nas periferias, é o suor de nossos rostos que dá sentido a história, pois é nosso trabalho que trás riqueza para esse país. Nossa vida é, e sempre foi, a luta para vencer as dificuldades e resistir a miséria que nos é imposta.

Até o momento, nossa caminhada de catadores e catadoras tem mostrado que estamos vencendo. Sim, vencemos, pois cada vez mais mostramos a força da organização popular. Mostramos que é a solidariedade que pode realmente transformar a sociedade que vivemos. São as organizações de catadores(as) que trarão soluções efetivas para o meio ambiente urbano, para o trabalho e geração de renda dos mais pobres. Vencer a exploração.

É com essa convicção que iniciamos o novo ciclo nacional de formações, dessa fez diretamente nas bases do MNCR. Chegamos unidos de materiais e conteúdo que tem a intenção de fortalecer a organização do movimento e das bases, pois é o MNCR o agente histórico de transformação de nossa realidade.

Ao longo de nossa luta, conquistamos muitas vitórias e benefícios para a categoria, agora é o momento de coordenar essas conquistas para que não se percam. À medida que nossa luta vai avançando surgem novos desafios que são técnicos, de gestão e políticos.

Os desafios exigem nossa dedicação. Precisamos estudar companheiros(as). Refletir sobre o nosso trabalho, buscar conhecimento para avançar cada vez mais na cadeia produtiva da reciclagem, pois é esse caminho que nos fará garantir uma organização econômica justa e a melhoria de vida de nossas famílias.

Esse primeiro nível de formação pretende reforçar nosso conhecimento sobre os princípios e objetivos do MNCR, sua forma de organização e como coordenarmos nossa luta.

Animo companheiro e companheira, é apenas o início de uma caminhada bem mais longa que, com todas as dificuldades, só poderão trazer melhores dias para todos e todas.

Só a luta muda a vida!



A HISTÓRIA DE UM POVO É O PRÓPRIO POVO QUEM FAZ

Na forma em que a sociedade está estruturada fica fácil se acostumar com a ideia trazida pelo dito popular “Salve-se quem puder”. Mas, assim como todo dito popular deve ser analisado e questionado, deixando de ser aceito como verdade absoluta, as aparentes verdades, ditas todos os dias, também devem ser questionadas e discutidas.

Assim, são as ideias da concorrência e do individualismo que estruturam a sociedade de classes em que vivemos e que escondem os verdadeiros construtores da história de um povo. A nossa história de catadores e catadoras, existindo muitas vezes às margens da sociedade, denuncia uma verdade escondida: a de que a desigualdade e a concentração de renda em nosso país são fundamentais para a existência de inúmeras injustiças sociais.

Mesmo diante de tanta exploração, hoje nos reconhecemos enquanto trabalhadores (as) e nos organizamos coletivamente, somos o exemplo de que é possível construir uma nova história, baseada na solidariedade e na luta contra as injustiças.

Somos o exemplo de que a história de um povo é o próprio povo quem faz. Somos os sujeitos históricos que, com nossas ações e nosso projeto político mobilizamos gente, mentes e sonhos, e é isto que nos faz acreditar na possibilidade de construção de uma nova sociedade, baseada em valores que combatem o individualismo e a brutal concorrência entre os homens.

**“Cada um de nós constrói a sua
própria história e cada ser em si
carrega o dom de ser capaz
e ser feliz”**

Renato Teixeira / Almir Sater

As lutas dos trabalhadores (as) contra a exploração e as injustiças sociais são históricas, não nasceram agora. O MNCR se sente reconhecido nas lutas desenvolvidas no Brasil, na América Latina e no mundo atualmente e no passado. Assim foram as lutas de resistência indígena contra a invasão portuguesa, as lutas contra a escravidão no período colonial, as lutas camponesas e dos quilombos, a resistência operária e as lutas pelos direitos trabalhistas, as lutas contra as Ditaduras. E hoje são as muitas e muitas lutas por reforma agrária, por reforma urbana, por trabalho, por educação, por saúde, por respeito às diferenças, enfim por dignidade. São essas lutas por um novo destino que movem e sempre moveram os trabalhadores (as) a se organizarem, e assim vem acontecendo com os catadores (as) também.



Zumbi dos Palmares, Espertirina Martins, Antonio Cândido, Carlos Mariguella, Roseli Nunes e Sepé Tiaraju

Essa consciência da história, enquanto algo que se faz no tempo, é resultado das opções que fazemos quando decidimos lutar e nos organizarmos. Possuir a consciência de que a história que fazemos é resultado da ação dos homens e mulheres é o que tem feito os trabalhadores (as) caminharem, acreditando que é possível sonhar e mudar a sociedade em que vivemos.

**“Gente não é boi de carro, pro carro de boi puxar.
Gente tem mente que gira, mente que pode girar.
Gira a mente do carreiro e a canga pode quebrar”**

Lavrador de Goiás

MNCR: HISTÓRIA FEITA POR MUITAS MÃOS E MENTES QUE SONHAM

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) surgiu em meados de 1999, com o I Encontro Nacional de Catadores de Papel.

Foi fundado durante o I Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis em Brasília (DF), em junho de 2001, evento que reuniu mais de 1.700 catadores. Desde o Congresso, o Movimento tem impulsionado a luta dos catadores e catadoras em todo o Brasil, tendo lançado a Carta de Brasília como forma de expressar as necessidades e objetivos do povo que sobrevive da coleta de materiais recicláveis.

No ano de 2003 aconteceu o I Congresso Latino-americano de catadores (as) em Caxias do Sul (RS), que reuniu catadores de diversos países da América - Latina. Neste Congresso foi lançada a 'Carta de Caxias', responsável por difundir a situação dos catadores da América Latina, visando a unificação da luta entre os países.

Nesse momento, o MNCR começa a mostrar sua força nacionalmente, muitas lutas foram realizadas em todo o Brasil e muitas conquistas alcançadas.

Na mesma perspectiva de unificação dos movimentos da América Latina, ocorreu em 2005 o II Congresso Latino americano de catadores (as) em São Leopoldo (RS) e o III Congresso Latino americano de catadores (as) em Bogotá, na Colômbia.

Com cerca oito anos de luta, nós catadores de todo o Brasil viemos construindo o Movimento Nacional dos Catadores como forma de garantir o respeito e as políticas necessárias à nossa categoria. Através do MNCR ampliamos nossa voz e a luta, nos permitindo, hoje, denunciar em todo o país da realidade vivida pelos catadores(as).

A categoria de catadores de materiais recicláveis é historicamente excluída da sociedade e muitos catadores (as) ainda sobrevivem de forma precária em lixões e nas ruas, sendo profundamente explorados dia a dia.



Ao mesmo tempo é possível verificar que, desde o surgimento do MNCR, ampliaram-se as lutas e a organização dos catadores por dignidade, uma vez que o trabalho de coleta de materiais recicláveis significa a garantia de alimentação, moradia e condições

mínimas de sobrevivência para uma parcela significativa da população brasileira, que vive às margens de uma sociedade fundamentada no consumo desenfreado.

O Movimento Nacional dos Catadores defende, desde seu nascimento, o objetivo de garantir o protagonismo popular dos trabalhadores e trabalhadoras que são oprimidos pelas estruturas do sistema capitalista.

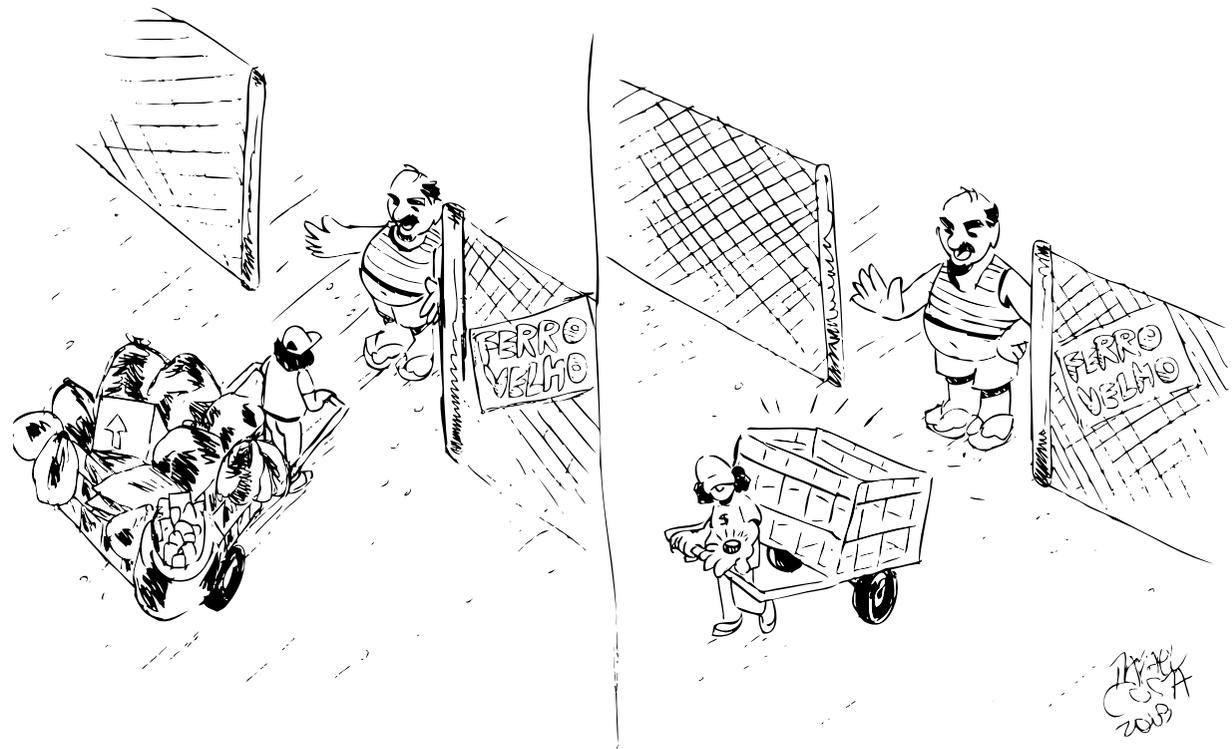
Por isso, está entre os princípios do MNCR a prática da ação direta popular, através da participação efetiva do trabalhador em tudo que envolve sua vida, algo que rompe com a indiferença de parcelas de trabalhadores diante da vida e abre caminho para a transformação da sociedade.

PARA REFLETIRMOS...

A relação de trabalho com os atravessadores impõe um endividamento crescente para o catador que não consegue pagá-la e, além das humilhações, os atravessadores dificilmente cumprem com os acordos que estabelecem com o catador.

O catador acaba sendo obrigado a manter este trabalho em condições precárias, que se pensarmos bem, faz a gente recordar da exploração do trabalho nos tempos da escravidão.

No nosso caso, o trabalho torna-se, muitas vezes, forçado, por meio da coerção moral e, também, com o uso da violência física.



Nesta perspectiva, os catadores ligados ao MNCR buscam desenvolver ações para a construção de uma sociedade justa, em conjunto com outras forças sociais, que lutam contra a exploração e por uma sociedade realmente livre e igualitária. Com isso o MNCR vem se forjando através de práticas que combatem a competição e o individualismo, buscando o apoio mútuo entre os catadores e outros trabalhadores.

VOCÊ SABIA?

A servidão por dívida é uma modalidade do trabalho escravo nos dias de hoje, porque envolve na maioria dos casos a criação de dívidas falsas, envolvendo fraude, enganção e violência, violação de direitos trabalhistas e a retenção de documentos, tudo como forma de impedir que o trabalhador não se desligue do serviço.

Manter alguém em condições parecidas com as condições de escravo, como no caso da servidão por dívida.

No conjunto das práticas do MNCR, a luta pela autogestão do trabalho e o avanço no controle da cadeia produtiva de reciclagem são estratégias fundamentais para garantir que o serviço realizado pelos catadores e catadoras não seja utilizado em benefício de alguns poucos exploradores deste tipo de trabalho, mas que sirva ao fortalecimento econômico da categoria de catadores.

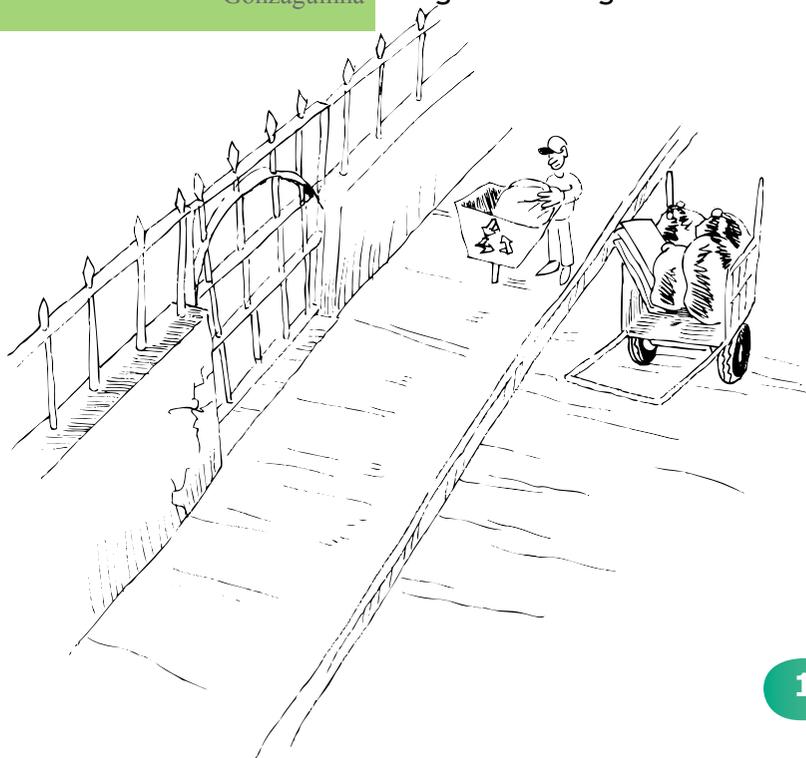
Para estruturar todo o trabalho de organização e luta, o MNCR optou pela organização através de bases orgânicas constituídas por meio das cooperativas, associações, entrepostos e grupos, nas quais o princípio mais importante é não permitir que nenhum catador seja beneficiado em função do trabalho de outro catador, mas, fundamentalmente, estimular e construir o trabalho coletivo baseado nos princípios de organização popular do Movimento.

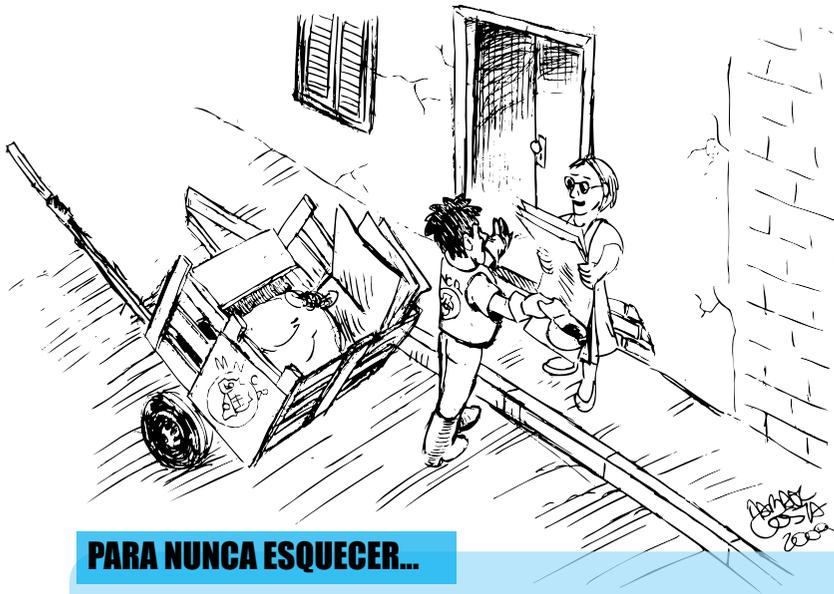
Por isso, são fundamentais, nos espaços do Movimento, o desenvolvimento de inovações tecnológicas de baixo custo e

tecnologias de coleta e tratamento de materiais recicláveis, além de métodos de gestão autogestionária.

**“Fé na vida, fé na gente, fé no que virá.
Nós podemos tudo, nós podemos mais.
Vamos lá fazer o que será.”**

Gonzaguinha





PARA NUNCA ESQUECER...

O DIREITO AO TRABALHO

É um direito de todo cidadão brasileiro, em que os governantes têm o dever de criar os meios necessários para que os cidadãos possam desenvolver uma atividade econômica que lhe garanta o seu sustento. A luta pelo reconhecimento da categoria de trabalho CATADOR, em todas as suas esferas, e a luta por condições dignas de trabalho, estão fundamentadas no direito ao trabalho.

Este direito está explícito nos artigos 6º. e 7º. da Constituição Federal, incluindo a segurança e a integridade física do trabalhador como elementos fundamentais do direito ao trabalho.

A apreensão das carroças viola o direito ao trabalho e a geração de renda e o direito à subsistência dos catadores e catadoras, que sobrevivem da catação de resíduos sólidos e da separação e venda de materiais recicláveis.

Com a consciência dos benefícios que este trabalho traz para a sociedade, nós catadores lutamos pela valorização de nossa categoria, respeitando-se as diversas realidades que a compõe no aspecto das diferentes etnias, das origens dos trabalhadores do campo, das diversas identidades regionais e raízes culturais que compõem a população brasileira.

VOCÊ SABIA?

A atividade catador de material reciclável existe há mais de 50 anos, sempre fizemos um trabalho de prestação de serviços à sociedade recolhendo resíduos recicláveis que provocam impactos negativos ao meio ambiente, riscos à qualidade de vida e à saúde pública de toda a população.

Depois de muita luta, hoje a profissão catador de materiais recicláveis é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)

Este reconhecimento afirma o trabalho do catador como uma ocupação tão digna como qualquer outra. Isto é fruto de toda a nossa história de luta e organização.

As bases ligadas ao MNCR trabalham com a coleta seletiva solidária, na qual são realizadas campanhas de sensibilização junto à comunidade, que separa os materiais e doa voluntariamente aos catadores. Este trabalho educa a comunidade difundindo a questão social e do meio ambiente conscientizando as pessoas para uma sociedade mais justa e solidária.

O MNCR luta e exige o devido pagamento pelo trabalho prestado pelos catadores e catadoras à sociedade brasileira, uma vez que, comprovadamente, o trabalho dos catadores é mais eficiente na coleta seletiva que os caminhões e aparatos do setor privado. Neste sentido, o Movimento Nacional dos Catadores constrói uma árdua luta contra os lixões a céu aberto e pela transformação desses em aterros sanitários, com a devida transferência dos catadores que neles trabalham para galpões com estruturas dignas de sobrevivência, além de creches e escolas para as crianças.

Portanto, nos fundamentos de atuação do MNCR está a luta pela coleta seletiva solidária feita pelos catadores e catadoras, por acreditar que são estes os primeiros agentes ambientais a reciclar a matéria prima que grande parte da sociedade chama de “lixo”, encontrando no trabalho organizado e coletivo o caminho pela busca da sobrevivência e da dignidade humana.



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DO MNCR

PARA REFLETIRMOS...

Qual a importância dos princípios para um Movimento?

Os princípios são os referenciais mais importantes para guiar a ação de quem faz parte de um movimento que luta pela transformação da sociedade. São eles que vão garantir a ética e a correta conduta dos participantes desta grande luta. Por isto eles somente têm algum valor se forem efetivados na prática e se forem cobrados diariamente e através do coletivo de catadores e catadoras.



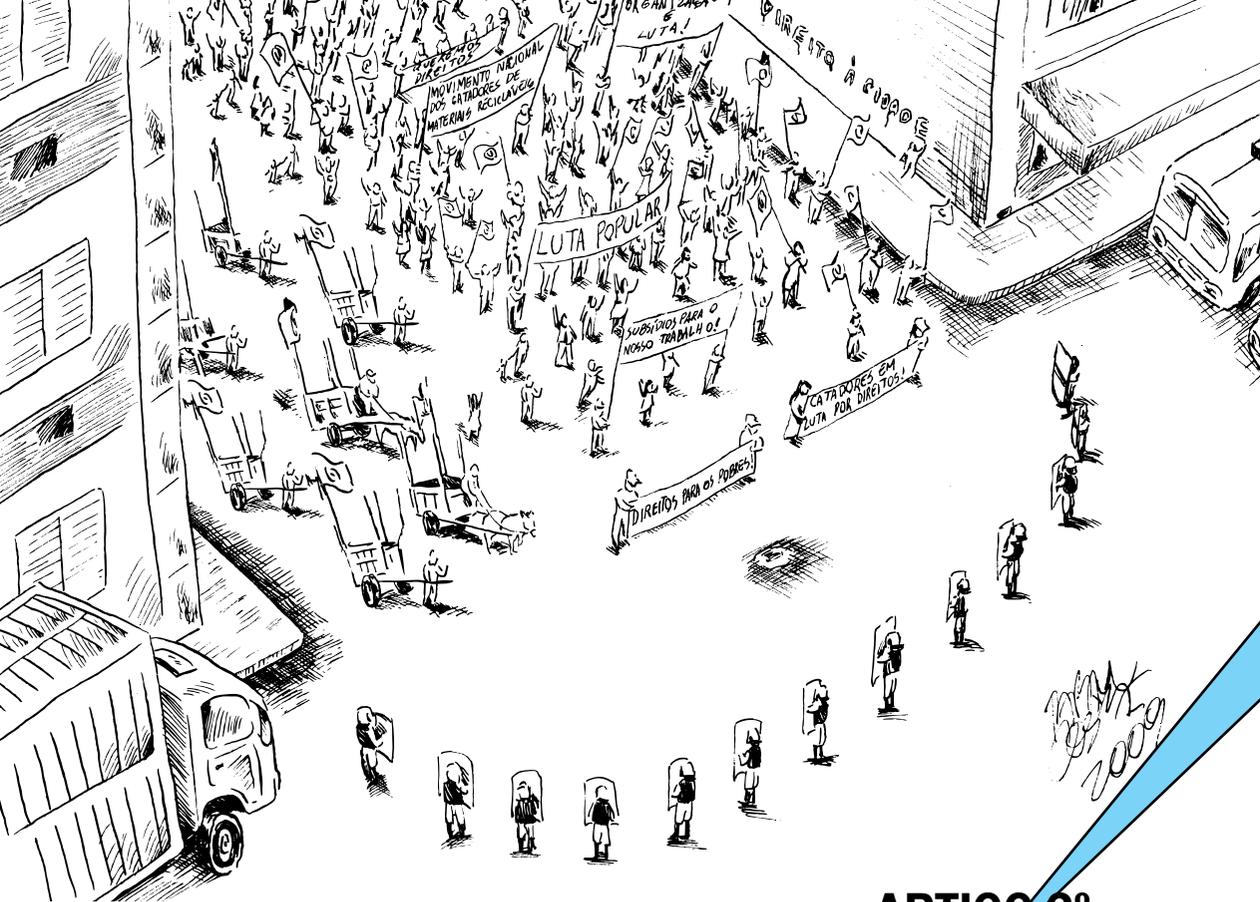
ARTIGO 1º

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR, trabalha pela **auto-gestão** e organização dos catadores através da constituição de Bases Orgânicas, em que a ‘participação’ de todos os(as) catadores(as) que pretendem ajudar a construir a luta pelos seus direitos, é algo internamente garantido, juntamente com o dever do catador com a Base Orgânica, amparado por um critério de **democracia direta** em que todos tem voz e voto nas decisões, conforme critérios constituídos nas bases de acordo;

'Auto-gestão' é a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas e equipamentos de produção. Auto-gestão é o modo de organizar o trabalho sem patrões, tendo a decisão, o planejamento e a execução sob controle dos próprios trabalhadores.



'Democracia direta' é forma de decisão tomada pela participação coletiva e responsável da base. Uma decisão pode ser feita por consenso ou por maioria de votos, mas sempre deve respeitar antes de tudo a exposição das idéias e o debate.

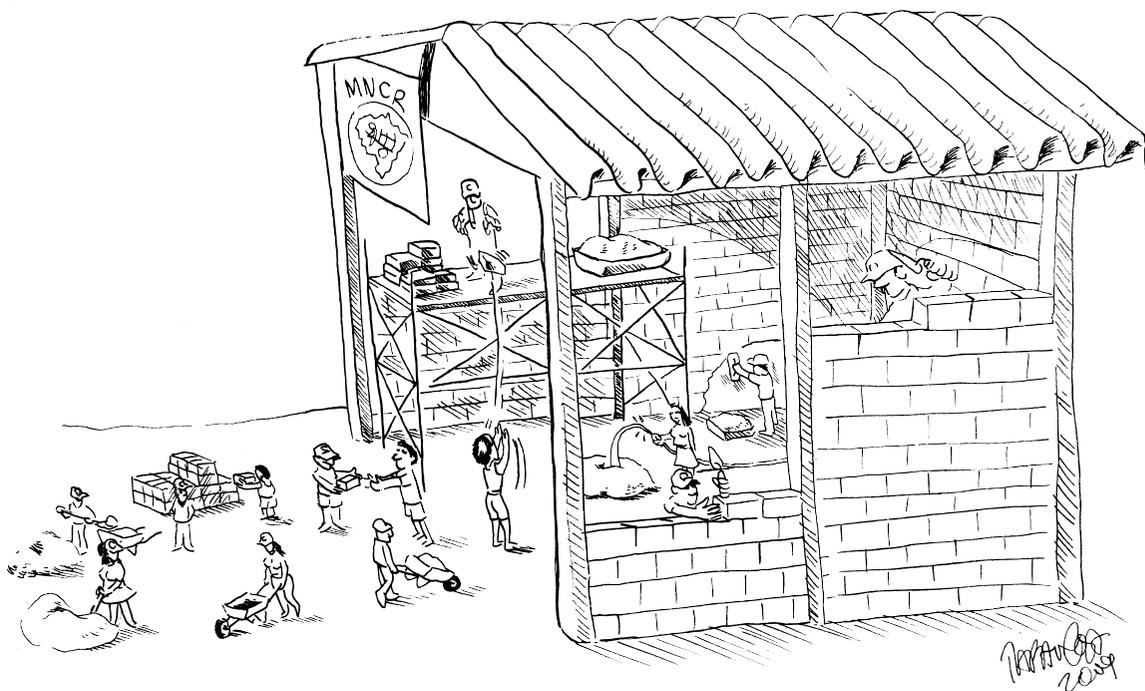


ARTIGO 2º

O MNCR tem na **ação direta popular** bem como em outras formas de organização um princípio e método de trabalho que rompe com a apatia, a indiferença e a acomodação de muitos companheiros(as). Este princípio deve partir desde a construção inicial dos galpões e sua manutenção, não esperando que caia tudo pronto do céu, assim como em mobilizações nas grandes lutas contra a privatização do saneamento básico e do lixo, contribuindo para a preservação da natureza, mas também lutando pelo devido reconhecimento e valorização da profissão dos catadores ;

‘Ação direta’ é um princípio e método que carrega o sentido do protagonismo do povo auto organizado, ou seja, é o povo que deve fazer diretamente as transformações, com o exercício de suas próprias forças, união, organização e ação, sem viver esperando que os outros façam por nós, que caia do céu como um milagre ou um presente, sem que nos esforcemos para isso;

A ação direta pode ser da pessoa para o grupo, do grupo para a base, da base para o movimento, e do movimento para a sociedade;





ARTIGO 3º

O MNCR busca garantir a **independência de classe** em relação aos partidos políticos, governos e empresários, mas também lutando pela gestão integrada dos resíduos sólidos com participação ativa dos catadores organizados, desde a execução da coleta seletiva com catadores de rua, até a triagem e o beneficiamento final dos materiais, buscando tecnologias viáveis que garantam o controle da cadeia produtiva, firmando com os poderes públicos contratos que nos garantam o repasse financeiro pelo serviço prestado a sociedade, e cobrando das empresas privadas, produtora industrial dos resíduos, o devido pagamento pela nossa contribuição na reciclagem.

‘A independência de Classe’ é o princípio histórico que orienta a luta do povo na busca pela nossa verdadeira emancipação das estruturas que nos dominam; Significa que a união do povo, nossa luta e organização, não pode ser dividida por diferenças partidárias, nem se deixar manipular ou corromper pelas ofertas que vem das classes dominantes, governos e dos ricos; Não significa ignorar as diferenças, sabemos que elas existem e são saudáveis, porém estas, não podem ficar acima do movimento a ponto de dividi-lo. O acordo com este princípio é o que pode contribuir para que não soframos manipulações futuras;



O **'Apoio Mútuo'** ou Ajuda Mútua é o princípio que orienta nossa atitude para a prática que contribui para a construção da solidariedade e da cooperação, é contrário aos princípios da competição, do egoísmo, do individualismo e da ganância;



ARTIGO 4º

No MNCR, ao contrário do individualismo e da competição, buscamos o **apoio mútuo** entre os companheiros(as) catadores(as), e praticando no dia a dia das lutas a **solidariedade de classe** com os outros movimentos sociais, sindicatos e entidades brasileiras e de outros países. E desta forma ir conquistando 'o direito à cidade', local para trabalho e moradia digna para todos, educação, saúde, alimentação, transporte e lazer, além do fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, mas com a transferência dos catadores para galpões com estruturas dignas, com coleta seletiva que garanta a sustentação de todas as famílias, com creches e escolas para as crianças.

A **'Solidariedade de Classe'** é o princípio histórico da união de todos os pobres. Sabemos que a sociedade que vivemos está dividida em classes: pobres e ricos, opressores e oprimidos, os que mandam e os que obedecem. Nosso povo faz parte das classes oprimidas, somos um setor dentro delas, porém existem vários outros setores de classes oprimidas pelo sistema capitalista, como: os sem terra, os sem teto, os índios, os negros e quilombolas, os trabalhadores assalariados, etc.... É importante compreendermos isso, pois em nossa luta, sozinhos, não venceremos; a verdadeira vitória só pode ocorrer com uma profunda transformação da sociedade, ou seja, onde não existam mais ricos ou pobres, opressores e oprimidos, mas sim liberdade e igualdade. Para construirmos essa nova sociedade temos que construir na luta a "solidariedade com todos os setores das classes oprimidas".



Bases de Acordo do MNCR



1- COM RELAÇÃO À CATEGORIA:

1.1- Assumir o trabalho e o nome da categoria de Catador de Materiais Recicláveis como profissão;

1.2- Ter conhecimento da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), que reconhece e descreve a atuação do Catador de Materiais Recicláveis no mercado de trabalho;

1.3- Ser um profissional Catador(a) da Material Reciclável organizado em uma Cooperativa, Associação, Entreposto ou Grupo que seja autogestionário e orientado pelos princípios do MNCR.

2-COM RELAÇÃO AOS (ÀS) COMPANHEIROS(AS) DE TRABALHO ORGANIZADOS ENQUANTO BASES ORGÂNICAS DO MNCR:

2.1- Ser solidário a todos os (as) catadores (as) em sua organização e crescimento;

2.2- Participar de atos e ações que promovam a inclusão social de catadores(as) que vivem do trabalho nas ruas e lixões;

2.3- Respeitar e manter um relacionamento de companheirismo e solidariedade, sem discriminação, com aqueles (as) catadores(as) que ainda não estão organizados(as) e com os (as) catadores (as) moradores (as) de rua;

2.4- Respeitar os Pontos de Coleta dos Catadores (as) organizados (as) e não organizados (as).

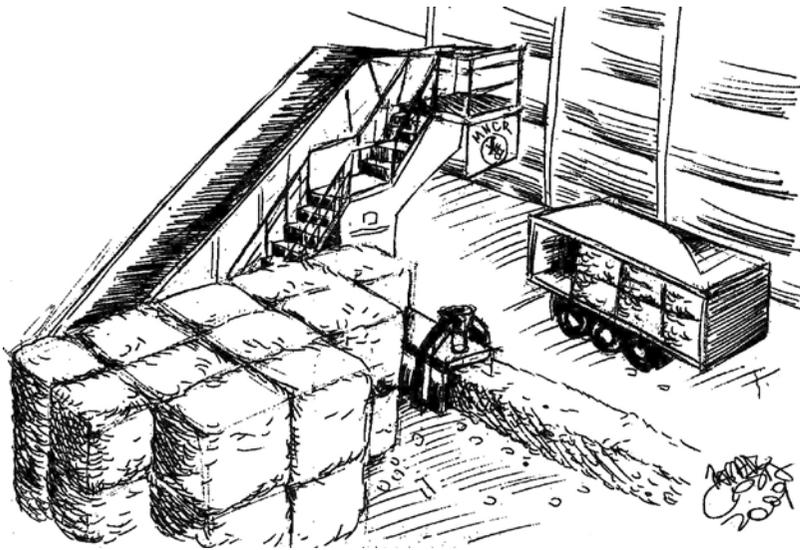
3-COM RELAÇÃO ÀS COOPERATIVAS, ASSOCIAÇÕES E BASES EM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO:

As Cooperativas, Associações e Grupos considerados Bases Orgânicas do MNCR devem:

3.1- Ser compostas e dirigidas exclusivamente por Catadores(as) de Materiais Recicláveis;

3.2- Basear a organização de sua atividade produtiva nos princípios do MNCR;

3.3- Desenvolver práticas solidárias, incentivando a troca de experiências relacionadas a formas de produção, comercialização, tecnologia, modelos de administração e gestão;



3.4-Manter em suas sedes sociais a simbologia do Movimento Nacional dos Catadores(a) através de bandeiras, uniformes, placas, grafitagem etc;

3.5-Manter um espaço de formação e informação para todos os(as) Catadores(as) participantes das Bases Orgânicas para apresentar e discutir os princípios, objetivos e ações do Movimento Nacional dos Catadores em nível municipal, regional, estadual e nacional;

3.6-Ocupar-se com a capacitação contínua dos(as) integrantes das Bases Orgânicas, criando programas internos para sua formação política, administrativa e operacional;

3.7-Priorizar ingresso nas Bases Orgânicas para os (as) catadores(as) de lixões ou de rua em situação de exploração, mediante cumprimento dos critérios de ingresso acordados com o MNCR;

3.8-Promover o protagonismo dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis por via da ação direta na luta para conquistar direitos relativos à saúde, habitação, lazer, educação, segurança e desenvolvimento social;

3.9- Para ingresso e permanência no MNCR os grupos interessados deverão cumprir os seguintes critérios:

3.9.1-Estar de acordo com todos os itens descritos neste documento;

3.9.2 -Ser avaliado pelo Comitê Regional conforme critérios do MNCR;

3.9.3 -Ser aprovado pela Coordenação Estadual;

3.9.4-Dar sequência prática e submeter todas as ações da Base Orgânica aos critérios fundamentados neste documento;

3.9.5-Promover ato público de lançamento da base orgânica do MNCR bem como assinar o termo de adesão e enviar cópia à secretaria estadual;

4- COM RELAÇÃO AO TRABALHO:

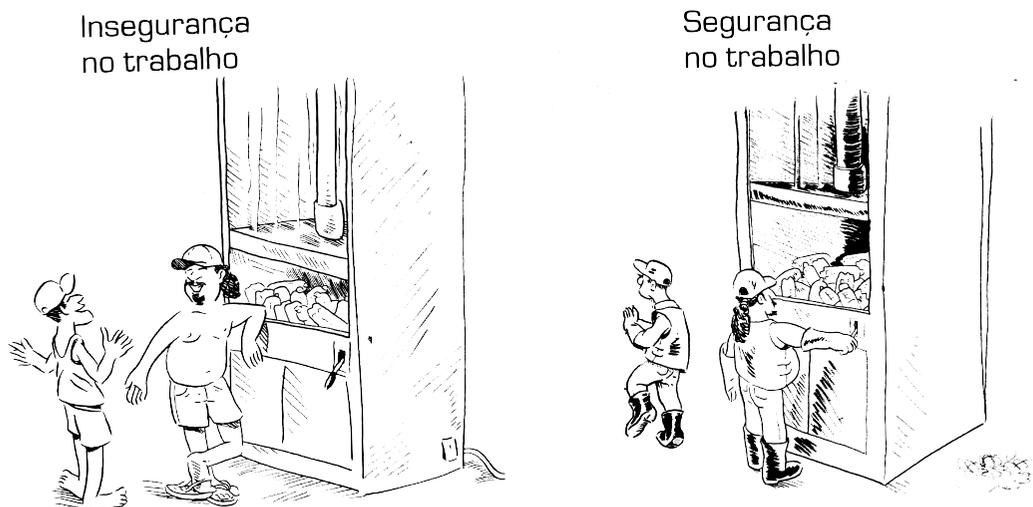
4.1- Manusear de maneira adequada e segura os materiais recicláveis nas ruas e galpões, garantindo a organização e limpeza do espaço de trabalho;

4.2- Estar consciente do valor e da utilidade pública dos serviços prestados pelo desempenho da sua atividade profissional, que proporciona benefícios econômicos e ambientais para toda a sociedade;

4.3- Zelar pela saúde e preservação ambiental evitando e impedindo práticas que possam comprometer ou prejudicar a vida em sociedade;

4.4- Não praticar qualquer ato que, direta ou indiretamente, possa prejudicar os legítimos interesses dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis e das classes oprimidas em geral;

4.5- Proceder de maneira idônea no exercício de sua atividade profissional, prevenindo acidentes, evitando situações ou exposições a riscos à saúde pessoal, familiar ou pública;



4.6- Comercializar os materiais recicláveis com compradores(as) que dão um destino ambientalmente adequado aos materiais e que não se utilizem de mão de obra infantil e trabalho escravo;

4.7- Respeitar os acordos entre os(as) catadores(as) das Bases Orgânicas do MNCR e grupos sobre a distribuição de pontos e áreas de coleta, levando em conta a necessidade de sobrevivência de todos e a localidade histórica e prioritária dos(as) catadores(as) nas regiões das cidades.



5- COM RELAÇÕES ÀS PARCERIAS:

5.1- Estabelecer parcerias que contribuam com a comunidade, com as Bases Orgânicas e que sejam ambientalmente responsáveis;

5.2- Estabelecer parcerias em que os parceiros se comprometam com os (as) catadores(as) de Materiais Recicláveis através de um termo de cooperação mútua;

5.3- Ter os seguintes critérios para o estabelecimento de parcerias com universidades ou centros de pesquisa:

- 1) Atendimento aos critérios e demandas do MNCR;
- 2) Registro das informações (Bibliografia);
- 3) Retorno dos Projetos desenvolvidos às Bases Orgânicas;
- 4) Garantia do repasse de resultados às Bases Orgânicas.

5.4- Divulgar solidariamente para as Bases Orgânicas informações sobre parcerias, projetos de financiamento e novas tecnologias;

5.5- Buscar informações sobre a idoneidade (e ética) dos(as) que propõem parcerias, sua trajetória e se estão de acordo com os conceitos e princípios do MNCR;

5.6- Garantir que as entidades parceiras não venham desenvolver interferência interna nos assuntos das Bases Orgânicas, preservando a independência e a auto-gestão verdadeira da organização;

5.6- Não permitir o uso da imagem das bases do MNCR, bem como dos(as) catadores(as) individualmente para fins de propaganda das entidades, entendendo que as verdadeiras parcerias são aquelas que querem realmente apoiar sem aparecer ou usar a imagem do povo.

6-COM RELAÇÃO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS E ATOS PÚBLICOS:

6.1- Comprometer-se com a participação ativa nas lutas para o desenvolvimento e reconhecimento da categoria, contribuindo nas discussões e ações do MNCR no município, estado e país;

6.2- Participar das discussões para a construção de Políticas Públicas nos âmbitos Municipal, Estadual e Nacional tendo como referência a postura do Movimento Nacional de Catadores(as) expressa na Carta de Brasília, Carta de Caxias e a Declaração dos Princípios, Objetivos e Bases de Acordo do MNCR;

6.3- Criar meios para estabelecer intercâmbios e trocas de informações sobre Políticas Públicas com Bases Orgânicas, promovendo uma rede de discussão e articulação entre elas;

6.4- Garantir que todo Ato Público, que tenha a participação do MNCR com sua simbologia, seja aprovado pela Coordenação Estadual e que as informações sejam encaminhadas à Secretaria Nacional Itinerante, a fim de divulgar a ação;

6.5- As articulações de Políticas públicas e manifestações não deverão ter ligação religiosa ou partidária, garantindo a independência da classe;

6.6- Garantir a unidade de ação direta das Bases Orgânicas em todas as mobilizações do MNCR.

7 – CASOS NÃO PREVISTOS DE DESCUMPRIMENTO DE ACORDOS, CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS:

7.1- Os casos não previstos nesta base de acordo deverão ser resolvidos pela coordenação estadual do movimento e remetidos para avaliação da comissão nacional ou equipe de articulação;

7.2- O descumprimento dos acordos estabelecidos, critérios ou ações, por parte de indivíduos de bases orgânicas, que afetem os princípios e objetivos do MNCR, poderão significar a suspensão temporária dos envolvidos e a instalação de uma comissão de ética e/ou de garantias políticas, na qual deverão participar os envolvidos, a coordenação estadual e a equipe de articulação nacional.

8 – TERMO DE ADESÃO DAS BASES ORGANICAS AO MNCR:

Através deste, nós organizados, como membros da _____
_____ (cooperativa, associação, entreposto, ou grupo) vimos firmar nosso compromisso, como base orgânica do MNCR, expressando nosso acordo com os seus princípios e objetivos, bem como os critérios expressos nas bases de acordo, ao qual comprometemo-nos a dar consequência prática;

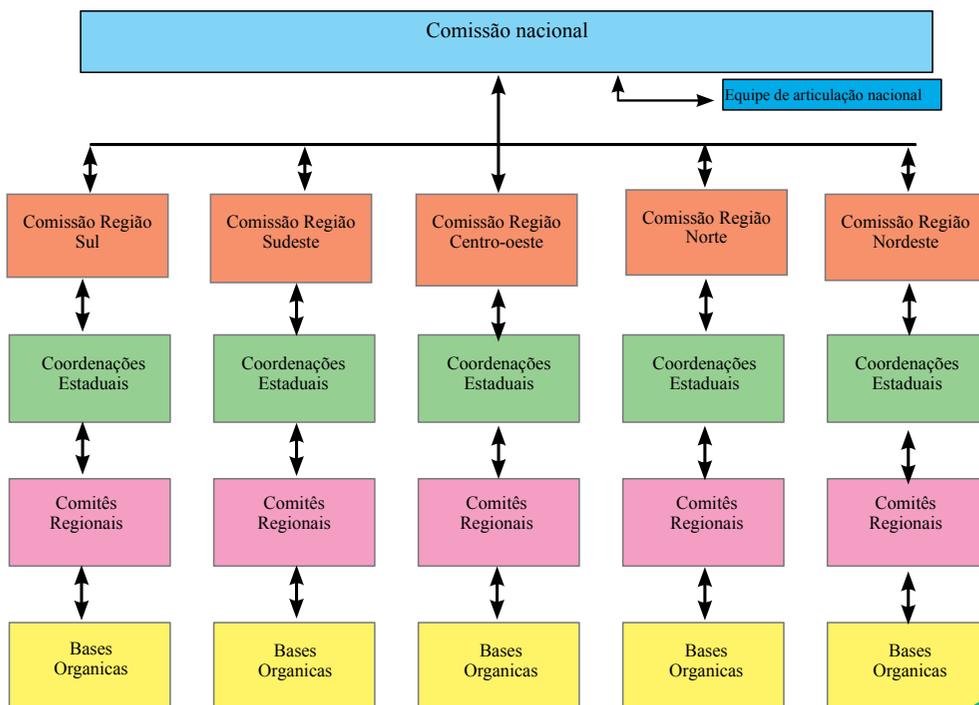
Subscrevemo-nos: Assinam membros da coordenação e da Base

Como nos organizar?

Para tornar possível o princípio da Autogestão é necessário que a organização dos trabalhadores, a partir de suas bases, ou seja, na cooperativa, associação ou grupo, assumam responsabilidades com a organização interna do MNCR e com suas instâncias.

As Instâncias são os espaços de discussão política onde os catadores de materiais recicláveis se reúnem em torno da causa da categoria. É nas instâncias que podemos refletir e praticar os princípios que guiam nossa luta.

Para entendermos melhor como funciona a organização interna de nosso movimento, veremos, a seguir, a explicação sobre o funcionamento de cada instância de luta dos catadores organizados. São elas: a base orgânica, Comitê Regional, a Coordenação Estadual, a Comissão Nacional, etc.



A Base Orgânica

A base é, em outras palavras, o agrupamento organizado de catadores que integram a luta e o trabalho de catação. ‘Orgânica’ é como chamamos os grupos de catadores organizados que realmente integram a luta do MNCR, sendo parte dele, ou seja, assim como um braço ou uma perna é parte orgânica de uma pessoa, portanto, um órgão, a base orgânica é um pedaço, um membro do movimento.

A base orgânica pode ser uma cooperativa, associação, grupo não formalizado ou entreposto; e é formada por catadores e catadoras que aceitam os critérios e condutas descritas na Base de Acordo do MNCR.

A base também deve ser guiada pelos princípios da luta do MNCR e aplicar, no dia a dia do trabalho, o apoio mútuo, solidariedade de classe, ação direta, democracia direta, enfim, todos os princípios defendidos pelo movimento.



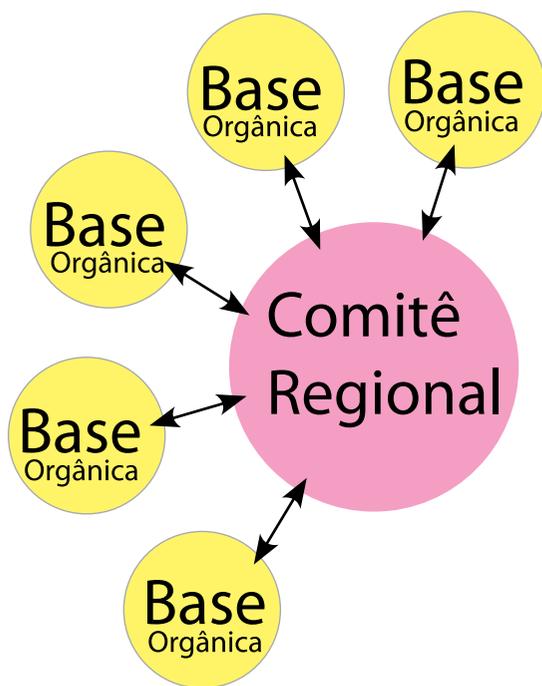
O Comitê Regional de Catadores

O Comitê Regional de Catadores é uma instância deliberativa das Bases Orgânicas do MNCR em determinada região. Reúne, pelos menos, dois representantes catadores(as) de cada base, de uma micro-região, ou seja, várias cidades próximas no caso de cidade pequenas ou vários bairros, no caso, de cidades grandes e com grande quantidade de catadores.

O Comitê tem a tarefa de manter as bases bem informadas, discutir e deliberar ações de luta e conquista dos objetivos no MNCR. O Comitê é o espaço ideal para ações conjuntas de solidariedade com bases em dificuldade ou lutas sociais locais.

A união dos companheiros(as) na região torna o movimento mais forte e preparado para enfrentar as dificuldades.

Apoiadores não-catadores reunidos na luta do MNCR podem participar das reuniões, desde que sejam convidados por membros do Comitê, no entanto, é preciso garantir a autonomia dos(as) catadores(as) nas decisões tomadas no Comitê.

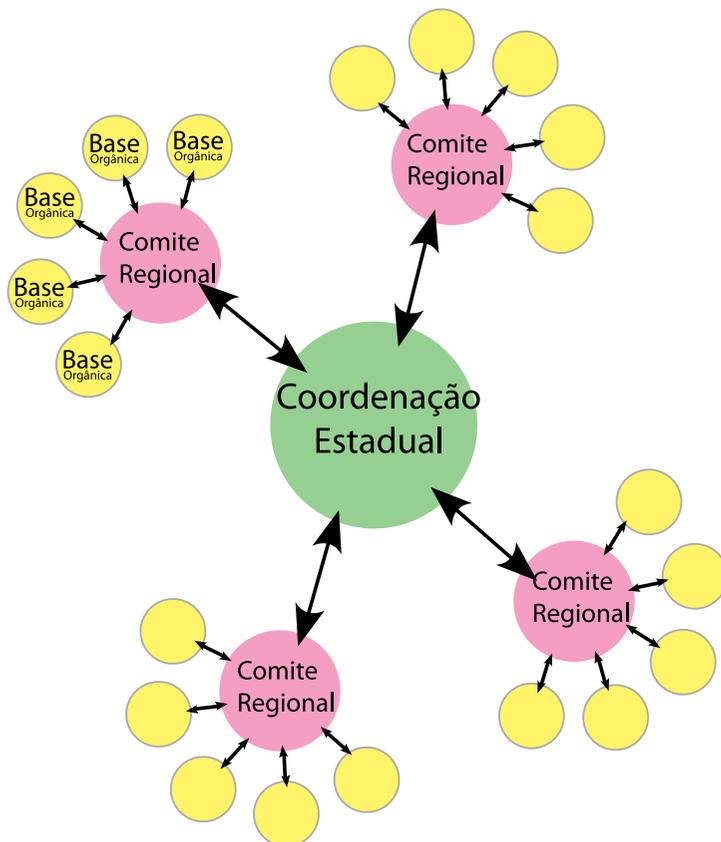


A Coordenação Estadual de Catadores

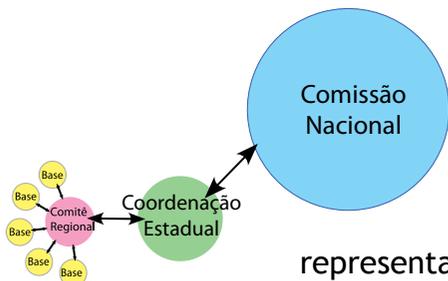
A Coordenação é formada por dois representantes escolhidos nas reuniões de Comitê Regionais. Sua função é planejar e organizar a luta em nível Estadual, traçando metas de crescimento e de apoio a dificuldades nas regionais onde houver necessidade.

A Coordenação Estadual discute reivindicações e políticas públicas no Estado, além de organizar o avanço na cadeia produtiva, organizando redes de comercialização, unidades de produção, etc.

O MNCR tem como prática a democracia direta, dessa forma, os debates vêm e voltam possibilitando a participação de todos os catadores na construção da luta dos nossos direitos.



A Comissão Nacional do MNCR



O Brasil é formado por 27 Estados. Hoje, o MNCR está presente na maior parte deles e, por isso, é necessário que cada Estado brasileiro em que o MNCR está organizado indique seus representantes, em nível Estadual, entre os membros catadores e catadoras.

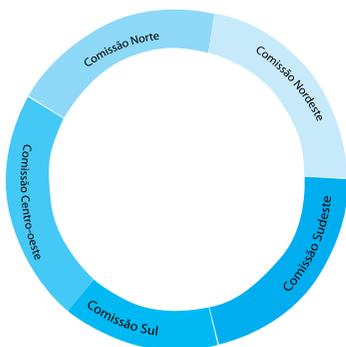
A Comissão Nacional é a instância máxima de decisão do MNCR e tem tarefas e demandas de catadores de todo o Brasil.

A Equipe de Articulação Nacional



Para a execução de tarefas em nível Nacional criou-se a Equipe de Articulação Nacional; sua tarefa é agilizar a execução de ações e tarefas em nível nacional, realizar articulações e fazer a representação do movimento quando necessário. A equipe é composta por cinco catadores(as) de diversas regiões do Brasil.

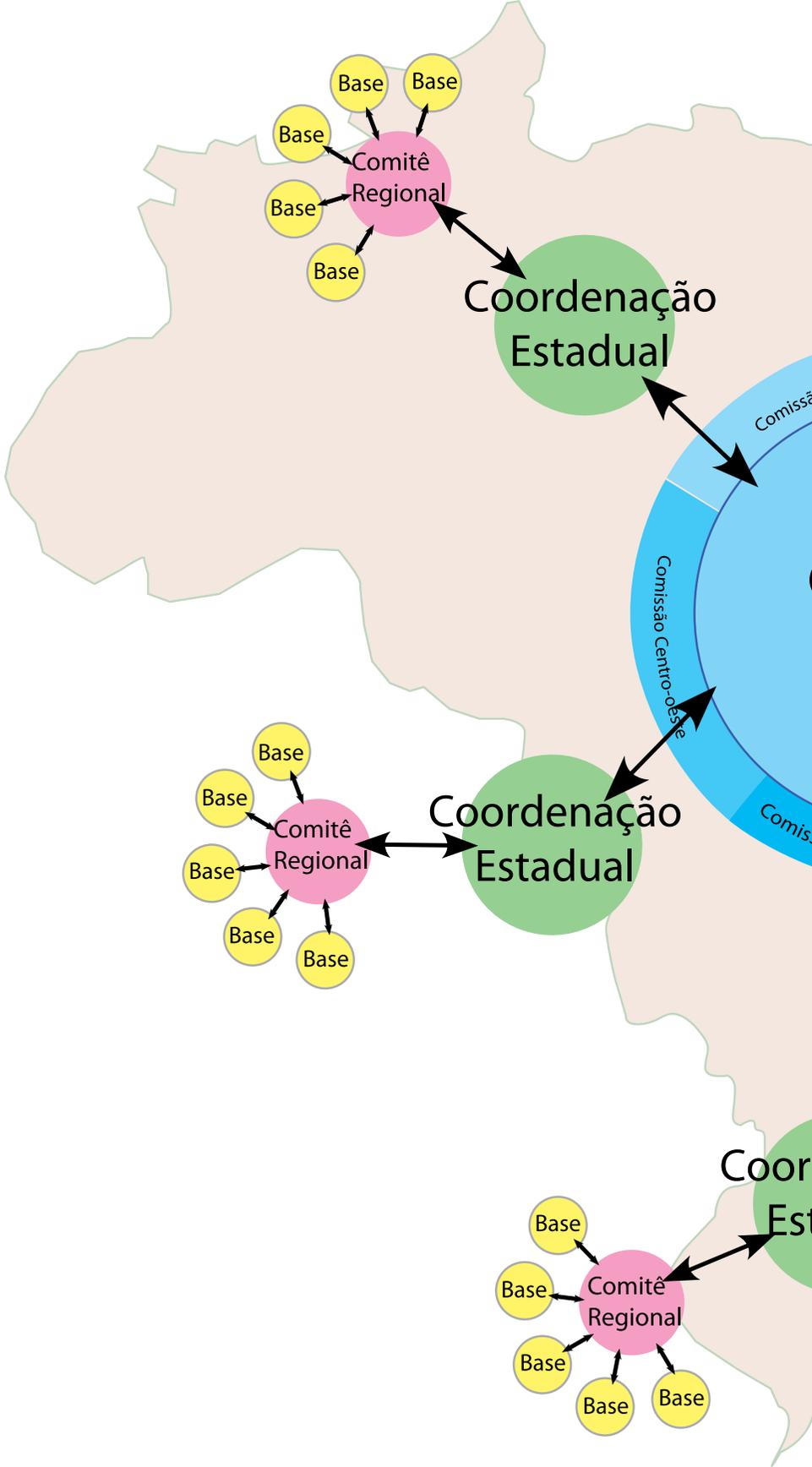
As Comissões Regionais

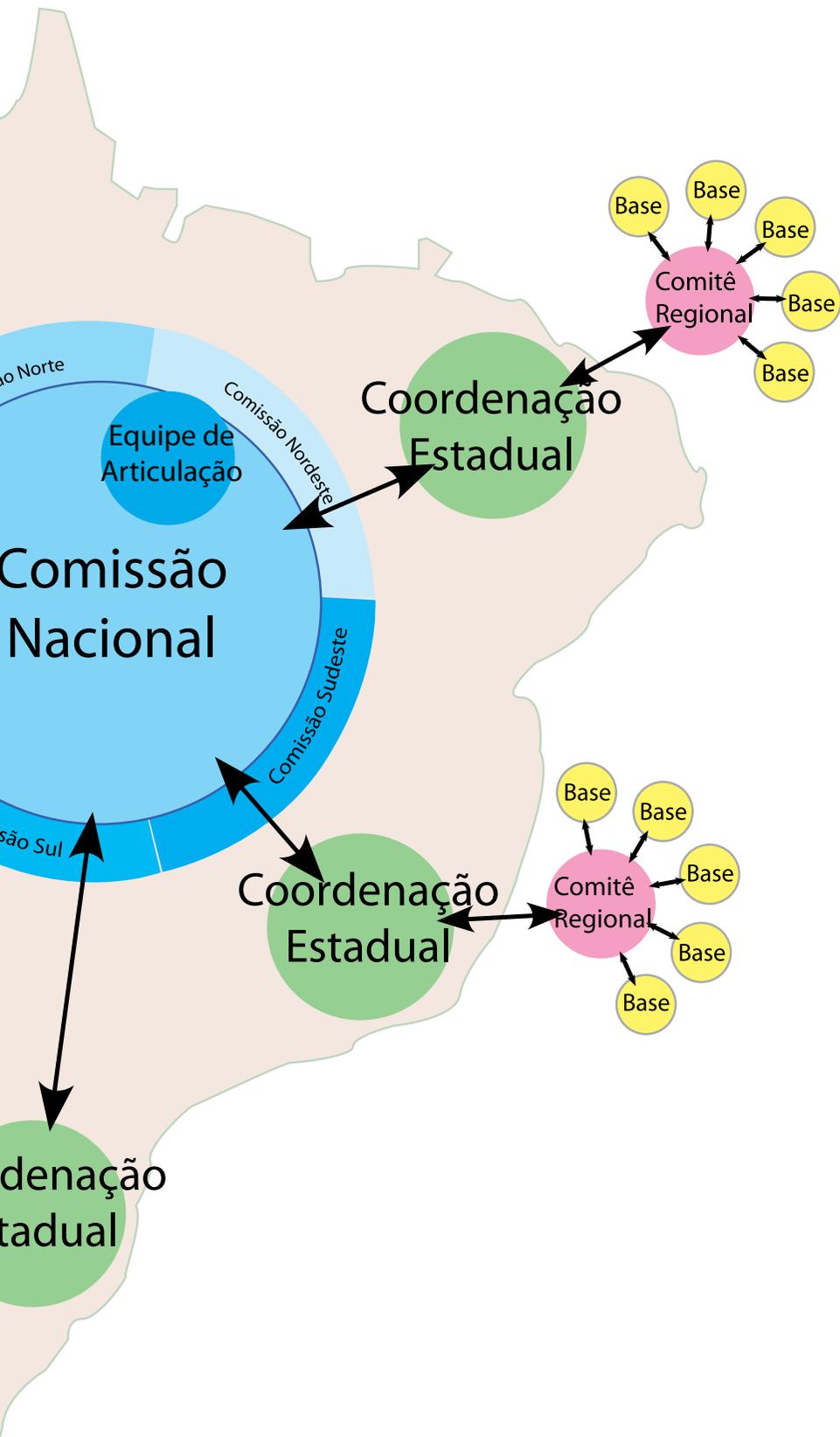


No caso de demandas e ações regionais entre Estados brasileiros, o MNCR tem, nas Comissões Regionais, sua instância de organização. São as comissões da região Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-oeste e Sul.

Para fazer parte de qualquer instância do movimento, o catador ou catadora tem de estar ligado(a) a uma base orgânica do movimento e a um comitê regional.

Organograma do MNCR





As sete tarefas do Comitê Regional

O que são os Comitês Regionais dos Catadores Organizados no MNCR?

Os comitês regionais são uma ferramenta que torna possível a organização entre as organizações de catadores (Cantões, Entrepostos, Galpões, Centrais e Usinas de triagem, Redes de Comercialização) sejam elas formais (cooperativas e associações) ou informais (cantões, grupos e entrepostos sem personalidade jurídica) de diferentes cidades, que compõem um determinado território de uma região. Ou seja, os comitês regionais são formados por um conjunto de bases orgânicas do Movimento, que se articulam através de reuniões e encontros para fazer avançar as estratégias do MNCR, de avanço na cadeia produtiva dos materiais recicláveis, através da implantação da Coleta Seletiva Solidária feita pelos catadores com o pagamento pelo serviço prestado.





Para que os Comitês Regionais dos Catadores Organizados no MNCR servem?

Os Comitês Regionais têm como propósito:

- Ser uma ferramenta de organização das bases orgânicas articuladas nas microrregiões dos Estados;
- Exercitar a prática da solidariedade e da democracia direta entre os grupos de catadores;
- Romper com a mentalidade corporativa que visa beneficiar apenas um grupo contra o conjunto dos catadores de uma determinada região;
- Dar condições aos catadores de discutir e trocar experiências sobre as diferentes realidades de seus grupos e planejar ações conjuntas para mudá-las;
- Dar respostas para os problemas e desafios urgentes que atingem os catadores de uma microrregião Estadual;
- Potencializar a articulação estadual com a criação de uma Coordenação Estadual de Catadores (as) de Materiais Recicláveis a partir dos Comitês Regionais;
- Definir delegados para compor a coordenação estadual do MNCR;
- Avaliar o ingresso e a permanência no MNCR de novos grupos interessados em construir o Movimento;

Como organizar os Comitês Regionais?

Os Comitês Regionais dos Catadores Organizados no MNCR são formados pelas Reuniões (instâncias) de Comitê, que ocorrem com um período de tempo definido, e que nada mais são que momentos de encontro para formação, planejamento e avaliação de ações entre os próprios catadores das microrregionais que participam do MNCR.

Enumeramos alguns passos de como organizar nossos Comitês Regionais, em forma de 7 tarefas básicas que devemos cumprir com autodisciplina e responsabilidade, pois estamos lidando com as decisões que vão fazer a diferença na vida de muitas famílias de catadores. Portanto, temos que ter claro que, ao começarmos nossa luta organizada nas regiões, podemos vencer e, por vezes, sermos derrotados em outras. Mas, somente a união e a luta de nossas bases, em diferentes cidades de uma região, é que vai trazer conquistas para a dignidade das condições de vida de todos os catadores.

“Temos nossas mentes e nossas mãos cheias da semente da aurora e estamos dispostos a semeá-la e a defendê-la para que dê frutos”

Che Guevara

Apresentamos, de uma forma mais clara, essa orientação, no quadro abaixo, só para termos uma ideia de como isso pode ser feito. Mas, temos que ter consciência de que, muitas vezes, na dura realidade da luta e do trabalho, não significa que as coisas funcionem exatamente dessa forma. Porém, uma orientação inicial não deixa de ter o valor de um “empurrão inicial”, para que nossa organização regional funcione, e funcione bem, por conta própria.



Orientação inicial:

As “7 Tarefas” para o funcionamento dos Comitês Regionais de Catadores

1

REALIZAÇÃO DOS CONTATOS NECESSÁRIOS PARA A ARTICULAÇÃO DAS REUNIÕES.

Fazer contatos com os militantes que representam as bases orgânicas (grupos/coletivos de catadores vinculados ao MNCR), para avisar o dia, o local, e o assunto da reunião.

O militante de base, ao ter essas informações, deve repassá-las em

CUIDADOS A TOMAR:

Cabe ao militante regional e às suas bases conseguir os meios para isso, como telefone e deslocamento para realizar os contatos, pois nem sempre se tem recursos de fora para custear essa importante tarefa de comunicação.

reunião ao seu grupo para que todos os(as) catadores(as) possam estar conscientes das discussões e, assim, poder justificar sua participação e contribuir para o avanço de toda a categoria dos catadores.

Quando a distância entre as cidades em que as bases se situam for muito grande, deve-se utilizar o telefone ou algum outro meio eletrônico, o que for mais fácil para os(as) catadores(as) garantirem a comunicação.

2

TRANSPORTAR OS MILITANTES DOS GRUPOS DE BASE PARA AS REUNIÕES

As bases devem ser responsáveis pelo custo do deslocamento desses militantes como uma forma de contribuição própria para o avanço da luta e da organização dos catadores

CUIDADOS A TOMAR:

Criação de um fundo regional de contribuição de R\$ 1,00 (ou mais), por mês por catador em cada uma das bases da região.

3

DEFINIR PERIODICIDADE DE TEMPO.

De quanto em quanto tempo a reunião deve ocorrer.

CUIDADOS A TOMAR:

Aconselha-se que as reuniões de Comitê Regional ocorram, no mínimo, mensalmente. Isso deve ser combinado na instância e ser cumprido com rigor.

4

DEFINIR QUAIS OS COMPANHEIROS CATADORES QUE VÃO FICAR COM A RESPONSABILIDADE DE FAZER FUNCIONAR A SECRETARIA DO COMITÊ REGIONAL.

Ou seja, definir quem vai fazer:

- A articulação das reuniões (ligar para os outros militantes),
- As propostas de assunto para a instância (definição das pautas);
- As anotações no quadro (quando necessário),
- Os relatos (escrever e repassar as atas das reuniões);
- A procura e apresentação de documentos com propostas de convênio, projetos de lei, pesquisas, etc, ou seja, todo o documento que interessa e deve ser avaliado pelos catadores de uma região.
- Definir um tesoureiro(a) para administrar o caixa do comitê (fazer pagamentos, previsões de gastos, e prestação de contas).

CUIDADOS A TOMAR:

Temos que ter claro que a organização dos catadores não acontece de nada. É preciso que companheiros de carne e osso assumam essa tarefa. Para isso, aconselhamos que sejam catadores com perfil responsável e auto-disciplinado e estejam realmente dispostos a cumprir com as tarefas de organização regional. E, por fim, que sejam de confiança.

5

ANÁLISE DAS PRIORIDADES E DESAFIOS DOS CATADORES E DAS TÁTICAS E ESTRATÉGIAS PARA A OBTENÇÃO DE CONQUISTAS.

As reuniões devem ter momentos garantidos, na pauta, para visualizar as dificuldades, as urgências e os conflitos em comum entre as bases, bem como as soluções e ações táticas para o momento.

CUIDADOS A TOMAR:

Os catadores responsáveis pela secretaria do Comitê Regional, ou talvez, outros apoiadores de confiança, devem anotar todas as discussões, para que os catadores possam ter acesso aos registros das discussões e das decisões tomadas e dividir a responsabilidade pelas ações tomadas em conjunto evitando-se, assim, conflitos por “mal entendidos” entre os companheiros.

Quando necessário, para uma maior compreensão dos debates, aconselhamos que os catadores ou um apoiador façam os registros em um papel pardo ou quadro negro, dependendo da estrutura que se tem disponível no local e durante a reunião.

6

ESTABELECIMENTO DE METAS PARA SEREM CUMPRIDAS NA REGIÃO

As metas são construídas a partir das discussões em torno das nossas prioridades e desafios, e são as raízes dos planejamentos que vão dizer o sentido que o Movimento vai tomar em uma região em um período determinado de tempo.

Sugerimos que as metas sejam projetadas para o trimestre e sejam reavaliadas no final deste período.

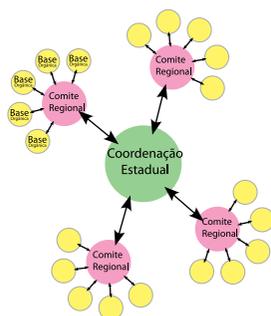
CUIDADOS A TOMAR:

Esse é outro momento que deve estar permanentemente nas pautas das reuniões de Comitê Regional. Pois é através das metas que podemos saber para onde vamos e sabermos se estamos avançando ou retrocedendo.

7

DISCUSSÃO EM TORNO DAS PAUTAS DA COORDENAÇÃO ESTADUAL

As pautas para as reuniões de coordenação estadual devem ser construídas nas instâncias dos Comitês Regionais.



Quais são as principais dificuldades para se organizar os Comitês Regionais?

Talvez outras dificuldades surjam com funcionamento real da organização dos catadores nas regiões (das Bases Orgânicas). Mas, por hora, listamos algumas principais dificuldades que devemos considerar para começarmos a pensar quais seriam as melhores formas de solucioná-las em conjunto. São elas:

- A falta de cobrança no cumprimento de tarefas e na conquista das metas estabelecidas;
- O não entendimento dos catadores da base da importância das Instâncias Regionais do Movimento;
- A “falta de recursos” para o transporte dos companheiros para as reuniões;
- A rotatividade entre os catadores que representam as bases orgânicas;
- A falta ou a concentração excessiva de informações que dificultam tomar decisões satisfatórias para os desafios atuais;
- A não distribuição ou a centralização excessiva de tarefas que não deixa que outros companheiros aprendam a cumprir tarefas e ter responsabilidades;

CUIDADOS A TOMAR:

Durante as reuniões de Comitê devem ser registradas em ata as discussões sobre as questões estaduais, e encaminhadas para os coordenadores regionais que vão representá-las nas instâncias deliberativas estaduais do MNCR.



COMO SE FAZ UMA REUNIÃO BÁSICA

Para saber realizar uma reunião é necessária a presença de todo catador(a) do Movimento. Este é um trabalho que deve ser melhorado sempre, pois ninguém vai a uma reunião para ficar brigando sem definir nada. Por isso, apresentamos uma orientação com os principais detalhes e cuidados para se fazer uma reunião, seja na associação, na cooperativa, nas bases do movimento, nas assembléias, enfim, em qualquer instância.

OBJETIVO DA REUNIÃO

Toda a reunião deve ter um objetivo bem claro e definido, para que os companheiros saibam o que se quer, pois ninguém deve ir a uma reunião sem saber do que se trata. Indica-se que sejam definidos, com antecedência, seus objetivos, para melhor prepará-la. O objetivo, necessariamente, reflete as necessidades, os interesses e os problemas dos presentes. Não adianta fazer uma reunião para discutir pontos que não têm nada a ver com os catadores ou a realidade que estão vivendo; é perda de tempo.

Toda a base que enfrenta dificuldades internas ou está por fora da luta dos catadores do conjunto do Movimento, precisa realizar mais reuniões, até esgotar seus problemas.

Os passos para a organização de uma reunião são:

a) Abertura do Coordenador - quem convocou a reunião ou o coordenador da recente gestão deve começar a reunião dizendo os objetivos desta. Curto e grosso! E logo pede para ...

b) Cada participante se apresentar: só é dispensado este passo caso todos se conheçam. Mas, se tiver um convidado ou um companheiro novo, todos devem se apresentar.

c) Escolher o coordenador e o relator da reunião: toda a reunião deve ter um companheiro(a) eleito(a), que fica coordenando, e por tarefa controlar as discussões, passar a palavra para todos, garantir o andamento da reunião e encaminhar as resoluções. E um relator(a) eleito ou indicado pelo coordenador, que vai anotando as questões principais das discussões e todas as resoluções. Indica-se a escolha de um coordenador e um relator diferente, para que os companheiros acostumem-se com estas tarefas.

d) Definições dos assuntos a discutir (fazer pauta): o coordenador pede a seus companheiros que levantem os assuntos a serem discutidos na reunião, anotando, na medida em que são colocados. Depois, os temas mais relevantes ficam no início e, no final, os de menos peso, pois os companheiros já estão cansados... Além dos assuntos discutidos, as reuniões devem necessariamente incluir a leitura da ata (o relato da reunião anterior), o relato das viagens, visitas ou tarefas realizadas pelos companheiros.

e) Discussão dos assuntos: depois da aprovação dos assuntos e de colocá-los em ordem, é bom dividir o tempo para cada um. Por exemplo, 10 min., ou se for importante, 1 hora. É preciso sempre ter o horário para terminar a reunião, discussões intermináveis ou amplas consultas são um suicídio para o coletivo. Assim, o coordenador abre a discussão, assunto por assunto, procurando sempre controlar o tempo, ouvir todo o mundo, respeitar a posição dos companheiros e encaminhar as resoluções. Para cada tarefa, deve-se saber o que fazer.

f) Conclusão da Reunião: discutidos os assuntos, o coordenador encerra a reunião. Nunca, em nenhuma ocasião, o coordenador pode deixar que a reunião vá terminando 'devagarinho', saindo um, saindo outro, e ficando meio acabada.

O COORDENADOR DURANTE UMA REUNIÃO

Sem um coordenador de reunião, não há reunião organizada, e a forma como os companheiros(as) coordenam a reunião são decisivas para que elas saiam boas. Os principais cuidados são o tempo estabelecido para cada assunto, bem como a pontualidade, ou seja, o horário marcado para o início e o fim da reunião. O coordenador não é chefe e não impõe sua opinião. Primeiro, ouve todas as posições e depois dá a sua.

O coordenador deve manter o controle da reunião, exigindo respeito aos acordos. O companheiro que coordena precisa estar por dentro dos objetivos da reunião, e também dos assuntos. Quem não está por dentro, não pode coordenar. O coordenador precisa saber passar a palavra e fazer com que todos dêem sua posição, evitando que sempre os mesmos falem ou decidam. Dar coragem para os mais inibidos, cortar a palavra dos mais tagarelas. O coordenador dá entusiasmo para a reunião, não pode ser ‘lenga-lenga’. Deve cobrar sempre as tarefas assumidas e não cumpridas, além de cuidar para que os companheiros não saiam do assunto. Caso isso aconteça, volta-se ao assunto imediatamente, sem deixar que ocorram conversas paralelas à pauta.

OS COMPANHEIROS DURANTE UMA REUNIÃO



Devem cooperar e dar tudo para não atrapalhar. Cumprir o que foi combinado na pauta, prestando atenção no tempo e nos objetivos, esperando sua vez para falar, nunca falando dois ao mesmo tempo, colocar as posições claramente, sem medo ou vergonha, não contar caso fora do assunto discutido, falar sempre para o grupo, nunca para o vizinho ao lado, fazer críticas quando as coisas não andam bem, “falar depois da reunião é dar remédio pra defunto”. Somar, multiplicar e elevar as posições acreditando na força e na unidade das decisões coletivas.

CONCLUINDO...

FAZER AVANÇAR A LUTA!

Refletir e implementar os princípios, objetivos e as bases de acordo do MNCR e, também, vivenciar práticas de cooperativismo e autogestão é uma forma de resistir à opressão diária em que vive nossa categoria. Fazendo isso, acreditamos estar vivenciando na prática a ousadia de construir um novo modo de vida, baseado na experiência ética coletiva.

A construção de uma nova sociedade, como pretendemos, sem exploradores e nem explorados, está diretamente relacionada com os valores e práticas que, desde já, vamos projetando e sendo exemplo no dia-a-dia.

Mudar a sociedade é tarefa que passa por mudar os meios de produção, mudar o regime político, transformar as classes sociais e ter a capacidade de transformar o homem e a mulher que somos, ou seja, ter a capacidade de nos reciclarmos, ao mesmo tempo em que reciclamos os materiais, através do trabalho coletivo.

Por isso, é importante avançarmos para novos jeitos de gerir a sociedade e de construir uma ética da transformação social que seja fiel aos objetivos e princípios do MNCR e da classe trabalhadora.

A luta política, a organização coletiva e, portanto, a construção do poder popular nas suas várias dimensões, tende a nos forjar novos seres humanos, sonhadores e solidários que resistem aos “anti valores” da sociedade capitalista atual, baseada na competitividade, no lucro e na exploração.

Estamos num momento fundamental para o avanço da organização do MNCR, mas para isso, necessitamos ampliar o fortalecimento das Bases Orgânicas, pois somente assim poderemos avançar para o maior domínio da Cadeia Produtiva dos materiais recicláveis.

Nossa tarefa é seguir ocupando espaços e ampliando as conquistas, sem

nunca perder de vista que isto dependerá da elevação do conjunto de ações de lutas organizadas e com clareza no projeto político.



Adiante! Pois caminhar é resistir!

Catador organizado: jamais será pisado!!





Sepé Tiaraju

E a resistência indígena missioneira

No ano de 1700, início da colonização do Brasil, na região Sul se construíram as Missões Jesuíticas. As Missões eram enormes construções feitas pelos padres jesuítas junto com os índios guaranis, que ali dentro viveram por mais de um século uma vida de comunidade, onde tudo era repartido e todos trabalhavam pelo bem da coletividade.

Mas Portugal e Espanha queriam este pedaço de terra para eles. Não aceitavam que a terra fosse dos índios, queriam o Brasil para eles. Assim, resolveram expulsar as Missões para outro lugar, mais longe, e de difícil acesso, lá para as bandas do Uruguai.

Porém, os índios não aceitaram. Eram os verdadeiros donos desta terra. Por quê iriam sair, com o rabo entre as pernas, de seu lugar de nascimento? Resolveram pegar em armas para resistir aos exércitos dos imperialistas estrangeiros. Ficaram durante muitos dias fabricando armas e pensando em estratégias de batalha. Aí que se destaca o valente índio Sepé Tiaraju.

Sepé Tiaraju liderou os combatentes indígenas para resistir aos exércitos portugueses e espanhóis. Foi chamado a “negociar” com o chefe do exército, que tentou comprá-lo dando-lhe terras longe dali. Não aceitou, e com a cabeça sempre erguida, disse: “nossa terra já tem dono, e ninguém vai tirar ela de nós.” Era uma declaração de guerra.

As missões resistiram mais de 3 anos à força das armas de fogo dos exércitos europeus. Sepé se revelou um grande estrategista, corajoso e inteligente. Bolou brilhantes emboscadas no meio do mato que deixavam os soldados perdidos e fáceis de render. Preparavam armadilhas inteligentes, como buracos disfarçados no chão e árvores com pontas que vinham do nada e matavam os soldados.

Porém, no dia 7 de fevereiro de 1756 Sepé morreu peleando no Arroio Caiboaté. Numa escaramuça, seu cavalo rodou e ele foi ferido pela lança de um soldado e antes que se levantasse foi morto com um tiro de pistola pelo governador de Montevidéu que chefiava a tropa.

Esta terra ainda hoje tem dono: pertence ao povo. Ainda mandaremos os invasores e os que estão a seu serviço para longe daqui. Sepé Tiaraju é um símbolo da resistência popular à invasão dos gringos e do instinto de liberdade de um povo. Muitas lendas, trovas e canções missioneiras e nativistas falam dele, que para muitos virou santo, São Sepé. Diz a lenda que na testa de Sepé tinha um lunar que brilhava, e no dia de sua morte o lunar subiu ao céu e virou uma estrela, que até hoje guia os lutadores do povo em seu caminho para se libertar da opressão.

COM LUTA E COM FÉ, COM A LANÇA DE SEPÉ!!!



Zumbi dos Palmares

A escravidão e resistência negra

Na época da escravidão no Brasil, os negros encontraram uma forma de se organizarem, viver e ainda resistir e lutar contra o poder dos brancos, através dos Quilombos.

Os Quilombos eram lugares afastados, no meio do mato, onde para se chegar era preciso conhecer bem o caminho. Eram como grandes aldeias, onde os negros plantavam, criavam animais, discutiam, exerciam sua religião e sua cultura, organizavam suas lutas e criavam seus filhos livres do chicote dos brancos ricos donos de terra. Mas não eram só negros que fugiam para os Quilombos, não! Escravos brancos e também índios encontravam nos Quilombos um lugar para viver e lutar, lado a lado com os seus irmãos, os negros.

O Quilombo mais forte e mais famoso de nossa história foi o Quilombo dos Palmares. Localizado onde hoje é Pernambuco, era tão bem organizado e tão forte, que ali vivia dignamente 15% da população do Brasil da época, ou seja, vinte mil habitantes.

Zumbi nasceu no Quilombo dos Palmares, mas ainda criança foi capturado por soldados e criado por um padre, com quem aprendeu português e latim; foi batizado e chegou a coroinha. Porém, aos 15 anos, foge de volta para o seu querido Quilombo, onde tornou-se um grande e respeitado líder muito corajoso.

Porém, as elites da época não estavam gostando nem um pouco do crescimento do Quilombo dos Palmares. Claro, os negros, brancos e índios que ali viviam estavam mostrando na prática que o povo pode se organizar sozinho, sem a elite para sugar seu sangue. Assim, durante toda a existência de Palmares, os poderosos mandaram 66 expedições militares para tentar acabar com o Quilombo, e as 66 falharam. Palmares era mais forte, e durou 105 anos, de 1590 a 1695. Só foram derrotados quando as elites mandaram uma expedição enorme, que juntou soldados de todo o país e também do estrangeiro, com armas muito pesadas. Só então Palmares caiu.

Mas Zumbi não quis morrer na mão de branco nenhum. Tinha um ideal, e por ele iria morrer. Assim, na última batalha, lutou corajosamente, como sempre. Quando viu que não tinha mais jeito de vencer, e viu todo Palmares no chão, subiu para o alto do morro e de lá se jogou, porque não queria morrer na mão dos soldados do Império. A morte de Zumbi foi em 20 de novembro de 1695.

Esta história serve de inspiração para a luta dos negros pobres de hoje. Estes negros, brancos e índios que se uniram e formaram os Quilombos, e por 100 anos criaram seus filhos e viveram com dignidade, sem depender de ninguém. São exemplos para nós. Com luta e organização, podemos também viver livre. **VIVA ZUMBI! VIVA PALMARES!**



Espertirina Martins

E a resistência operária

As condições de trabalho no início do século passado eram as piores possíveis. As fábricas não tinham janelas, os trabalhadores trabalhavam mais de 14 horas por dia, em 6 dias da semana, os salários eram miseráveis. Aconteciam muitos acidentes de trabalho, mas não havia indenização. Não existia o direito à aposentadoria. Grande parte da força de trabalho era constituída por crianças de cinco ou menos anos de idade. As crianças eram freqüentemente espancadas por seus “patrões”.

O ano de 1917 foi tomado por grandes greves em todo o país. A vida estava cara demais, a fome era grande mesmo entre os que trabalhavam, as condições de trabalho eram péssimas, e a exploração do trabalho infantil e feminino começaram a revoltar os operários.

Os operários, organizados em seus sindicatos, fizeram então uma pauta de reivindicações para lutar até conquistar seus direitos. Nela, exigiam: medidas para diminuição dos preços dos alimentos e artigos de primeira necessidade, da água, aluguel e bondes; aumento dos salários, jornada de 8 horas de trabalho e de 6 horas para mulheres, e proibição do trabalho infantil.

No ano de 1917 a vida urbana foi completamente alterada. Participaram da greve pedreiros, padeiros, trapicheiros e estivadores, trabalhadores da Cia Força e Luz, operários das fábricas de tecidos, carroceiros, caixeiros, choferes, tipógrafos, entre outros. Começava a Guerra dos Braços Cruzados. Ocorriam piquetes, manifestações, apedrejamentos, barricadas, motins e ocupações de fábricas todos os dias.

Nesta luta toda a brigada militar matou um operário. Os operários, em greve, organizam então o enterro do colega assassinado, que era também um protesto por sua morte. Na frente estava Espertirina Martins carregando um buquê de flores. Ao lado contrário da avenida, vinha a carga de cavalaria da Brigada Militar para reprimir a procissão dos operários. Quando os dois grupos se encontraram, Espertirina com seu buquê de flores se aproximou dos brigadianos, que estavam prontos para atacar, e jogou seu buquê no meio dos brigadianos. O buque explodiu, matando metade da tropa e assustando os cavalos.

Espertirina Martins (1902-1942) pertencia a uma família de militantes anarquistas, lutadores, que tiveram muita importância nas lutas operárias daquela época.

Graças a toda a batalha, foram conquistadas as 8 horas de trabalho, o fim do trabalho infantil, a aposentadoria, a licença-maternidade, o direito à assistência médica e a indenização no caso de acidente de trabalho. **ESPERTIRINA MARTINS, TRABALHADORA e GUERREIRA, DEFENDEU COM DINAMITE A LUTA DA CLASSE OBREIRA!!**



Carlos Marighella

E a luta contra a ditadura

Carlos Marighella, assassinado há 30 anos, foi quem melhor encarnou a resistência libertária contra a ditadura militar que governou o Brasil durante 21 anos (1964-1985). Há quem prefira silenciá-lo para não sentir-se questionado pelo que ele significa de firmeza de convicções e, sobretudo, idealismo centrado no direito de todos os brasileiros à dignidade e à justiça. Acatamos a sugestão de Che: “Seja modesto, queira o impossível”.

Marighella situa-se entre aqueles que, com seu sangue, escreveram as mais importantes páginas da história do Brasil. São nomes que ainda não saíram das sombras a que a elite insiste em retirar da nossa história. Em nossas escolas, e nos raros programas televisivos que se referem à história do Brasil, poucos conhecem do significado de termos como Palmares, Cabanagem, Canudos, Contestado, Farrapos, Praieira, Confederação do Equador, Coluna Prestes.

Filho de imigrantes italianos, Marighella encontrou no ideal socialista o esteio que lhe forjou o vigor combatente. Não se deixou cooptar por aqueles que, após a ditadura Vargas, buscaram um pacto político que não incluía os direitos econômicos das classes populares. Marighella não ambicionava o poder, mas o Brasil soberano, livre da submissão ao capital estrangeiro, e contra a opressão e exploração do povo.

Por fidelidade a suas origens operárias, rompeu com a burocracia do PCB (Partido Comunista Brasileiro) para aderir a ação direta armada. Estava cansado de documentos e palavras, quando o momento exigia, como ainda hoje, mudanças radicais na estrutura de dominação social brasileira. Queria uma revolução. Escreveu o manual do guerrilheiro urbano, e junto com seus companheiros construíram uma das mais fortes experiências de organização guerrilheira do povo brasileiro. Porém, desde os anos 30, a elite brasileira repete com insistência: “Façamos a revolução antes que o povo a faça”. É o que se vê nesses supostos projetos contra a pobreza apadrinhados pelos governos, empresários e seus partidos, em véspera de eleições, por estes que são os responsáveis pela escandalosa desigualdade social reinante no Brasil. Deixou a mensagem de que uma nação ou uma pessoa que se envergonha de sua própria história corre o risco de perder raízes e identidade, igual colonizado que louva o colonizador e procura imitá-lo. A vida de Marighella foi um gesto de doação. Trinta anos depois de morto, pela repressão policial-militar ele prossegue desafiando a generosidade dos vivos, e apontando, para o nosso país, um caminho de futuro, onde todos tenham saúde, educação, trabalho e moradia e liberdade com igualdade. É o que basta.

CARLOS MARIGHELLA, VOCE MORREU PRIMEIRO, MAS NÓS TAMOS NA LUTA PELO POVO BRASILEIRO !!!



Roseli Nunes

E a luta camponesa

Roseli foi uma lutadora que fundou o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, participando da ocupação da fazenda ANONI, grande latifúndio improdutivo que proporcionou, depois de sua conquista, trabalho e moradia para centenas de pessoas, e é hoje em dia um grande exemplo que mostra que quando a terra é bem utilizada por quem realmente trabalha muitos podem viver dela.

Rose, como era chamada, era descendente de índios e colonos, cresceu no trabalho com a terra e participava junto com seu marido e filhos, pois sabia que seu futuro e o de seus filhos dependia da conquista de um pedaço de chão para trabalhar, ou então teria que viver como indigente na cidade.

Durante o período da luta pelas terras da ANONI, após anos vivendo de baixo de barracos de lona preta, marchando do interior até a capital, após passar meses acampados na assembleia legislativa para pressionar os políticos a liberar a desapropriação das terras, sofrendo muita pressão por parte da polícia e dos fazendeiros latifundiários que os ameaçavam de morte, Roseli declara que prefere morrer lutando do que morrer de fome.

Rose teve a primeira criança nascida no acampamento, que foi batizado com o nome de Tiarajú, em homenagem ao índio Guerreiro Sepé Tiarajú que lutou pela libertação do povo contra o império de Espanha e Portugal. Roseli Nunes foi assassinada no dia 31 de março de 1987 atropelada por um caminhão que se lançou contra a marcha dos Sem Terra, deixando vários feridos e seu corpo a beira da estrada. Rose hoje é um símbolo para a luta de todos os Sem terra e para o povo do Brasil.

**ROSELI, SEM TERRA, LEMBRAMOS O TEU NOME,
PREFERIU MORRER LUTANDO, DO QUE MORRER DE FOME!!!**



Érick Soares

E a luta dos catadores

Érick Soares da Silva, primogênito de uma família de quatro irmãs, (Esmeralda, Elbany, Érika e Elizabeth) nasceu no dia 22 de fevereiro de 1967 na Maternidade Municipal da cidade Pernambucana de Caruaru. filho de pais desconhecidos foi adotado logo após o seu nascimento por Heleno Soares da Silva e Maria Vênus Xavier da Silva.

Aos 12 (doze) anos de idade já lutava pela sobrevivência, ajudando sua mãe, vendendo doce (quebra-queixo) nas ruas da cidade já se caracterizando daí a sua tendência para o comércio informal. Por algumas vezes teve a sua mercadoria apreendida pelos fiscais da Prefeitura nascendo daí a necessidade de se engajar na luta em defesa dos direitos dos ambulantes (camelôs) de poderem trabalhar para manterem suas famílias.

O Érick era o que podemos chamar de um autodidata, pois, apesar de não ter concluído o 2º grau, era uma pessoa inteligente, atualizada e informada sobre as questões políticas e sociais do país engajando-se como militante em movimentos sociais como Sindicato dos Ambulantes de Recife, Movimento dos Sem Terra (MST), e do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), levando-o, algumas vezes, a entrar em confronto com a polícia militar e civil para fazer valer os direitos da classe vivente as margens da sociedade.

Conheceu o trabalho de Reciclagem de Lixo através da sua mãe em 2001, no Lar Beneficente São Lázaro quando a mesma foi participar do Congresso Nacional de Catadores de Material Reciclável em Brasília/DF. Nesse Congresso foi eleito representante da região nordeste do país do MNCR por unanimidade.

Participou em 2003 do Fórum Social na cidade de Porto Alegre/RS e do encontro nacional de catadores de material reciclável na cidade de São Paulo/SP onde foi indicado para proferir o discurso ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva em nome do Movimento Nacional.

Após retornar de um encontro nacional na cidade de Salvador/BA em 2004 o Érick apresentava aspecto abatido em relação a sua saúde, omitindo esse fato de sua família, fato este que se agravou quando foi levado emergencialmente à Policlínica do bairro do Ibura em Recife, deu entrada com suspeita de Leucemia. Nesse mesmo dia quando sofreu um Acidente Vascular cerebral Hemorrágico (AVCH). Os familiares, na ocasião da constatação do seu óbito, fizeram doação das córneas do Érick para que o mesmo, mesmo morto, continuasse a olhar pelos menos favorecidos aqui na terra. Deixou como legado, a força, a obstinação, a coragem e a perseverança de que um “Guerreiro nunca morre” ele se perpetua. Deixou sua esposa Verônica, com quem teve dois filhos: Ericksson e Natane.

ERIK SOARES: PRESENTE, PRESENTE, PRESENTE! SEMPRE, SEMPRE, SEMPRE!

